

PELAS LINHAS DOS AFETOS: OS TONS POÉTICOS DE MEU ENCONTRO COM MANOEL DE BARROS

Maria Vilma Gomes da Silva¹
Antonio Carlos Sobrinho²

Começos

Este ensaio se lança em convite para um *deambular* por relatos de alguns fragmentos de minha trajetória de vida, pensando esse percurso como um mapa delineado por linhas retas e volteantes que se intercalam em constantes (re)arranjos de diferentes matizes, fluxos e refluxos de forças e transvisões. Esses tracejos interseccionam-se com linhas da escritura poética de Manoel de Barros em seu livro de poesias intitulado *O Livro das Ignorâncias* (BARROS, 2016) e linhas teórico-críticas que envolvem o campo da literatura, da filosofia e da arte. O objetivo com esse entrecruzamento de linhas de pensamentos é uma reflexão sobre como a arte poética, enquanto construção sensível de linguagem e imagem, permeia as nossas vidas, as nossas relações e propõe outros modos de existir e apreender o mundo.

Pensar esta escrita a partir da literatura/poesia de Manoel de Barros é pensar sobre mim mesma, nos meus mais queridos anseios e *afetos*. É pensar a poesia como força de existência, desde quando eu apenas a divisava pelos seus tons, cheiros, cores, sons das cantigas de roda, cantorias de quintais. Como o poeta, eu também penso que *tudo que não se pode vender no mercado serve para poesia* (BARROS, 2010, p. 146). Por exemplo, os tons com os quais a minha mãe, como a Dora do filme *Central do Brasil* (1998)³, dourava as palavras quando escrevia ou lia cartas para quem tinha dificuldade com a escrita e a leitura.

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas pelo Centro Universitário Jorge Amado – Unijorge. mvil7@hotmail.com

² Doutor em Literatura e Cultura pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Mestre em Estudo de Linguagens pelo Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Professor do Centro Universitário Jorge Amado – Unijorge.

³ Dora é uma personagem interpretada pela atriz Fernanda Montenegro, no filme *Central do Brasil*, de 1998, dirigido por Walter Salles. Ela é uma professora aposentada que trabalha como escritora de cartas para pessoas analfabetas na Estação Central do Brasil – RJ.

Então, para arriscar e experimentar a tessitura dessa minha escrita, parto dos meus próprios afetos. Afinal, são as nossas relações afetivas que nos constituem enquanto seres no mundo. O afeto entendido como reverberação dos nossos agenciamentos e conexões. Da nossa fricção com o mundo, dos encontros e devires que movimentam as nossas singularidades. Assim, pensando nos refinamentos que os afetos fazem germinar, trago um semear afetivo de Diana Kingler (2014, p. 81):

O afeto excede o vivido, as percepções e os sentimentos. Entendem-se por afeto os efeitos corporais de uma dinâmica relacional, tanto sensoriais, conscientes ou não, como emotivos, já conscientes. Os afetos surgem nas relações, na capacidade de agir e ser atingido entre corpos. Corpos não possuem afetos, mas potencialidades de afetar, pois os afetos acontecem na relação, em função da relação. Não são propriedades de um corpo, mas eventos, marcas e vestígios de um encontro, de uma dinâmica relacional.

Quando conheci Manoel de Barros, foi como tropeçar e cair dentro de um quadro *naif*, de onde eu cavuquei *O Livro das Ignorâncias* (2016) por e para *afetos*, para saber um pouco mais, para voltar a não saber. Através desse livro, Barros-poeta-pintor que tem as cores do mundo de dentro e de fora, desenha os caminhos de sua criação poética. Trajetos que o induzem a descobrir *que todos os caminhos levam à ignorância* (BARROS, 2016, p. 79), ao *nada* (BARROS, 1996). Mas o *nada* para o poeta, é um lugar de onde ele retira *palavras que ainda não têm idioma* (BARROS, 2016, p. 15) para falar de mundos que a nossa impotência verbal não consegue traduzir.

Como nesse momento, em que eu não encontro as palavras que possam dar uma forma visível a uma escrita-teia – um devir aranha de escrita⁴ – na folha em branco. Uma teia tecida com palavras entrelaçadas umas às outras com fios potentes que vibrem na frequência e na intensidade das cores e dos tons dos meus *afetos*. Que enlacem os amigos que me adivinham, meus parceiros de travessia e os vaga-lumes que me alumiam. Uma escrita que possa atar os fios dispersos dos meus pensamentos, desatando os nós das linhas que esticam horizontes e alcançam outras geografias. Coisa que Bernardo consegue fazer como ninguém: *(Bernardo consegue esticar o horizonte usando três/fios de teias de aranha. A coisa fica bem esticada.)*⁵ (BARROS, 2016, p. 73).

⁴ Iluminura para devir aranha: (Há o devir-animal que envolve o homem (...)). Acho que escrever é um devir alguma coisa. Se escreve porque algo da vida passa em nós. Qualquer coisa. Escreve-se para a vida. Nós nos tornamos alguma coisa. Escrever é devir. É devir o que bem entender, menos escritor (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 23).

⁵ Bernardo é a experimentação de um devir-criança de Manoel de Barros - do criancimento da palavra - em seus escritos.

Mas por onde começar a desenrolar os fios que me compõem? Com quais tons de mim e alheios tecerei e entrelaçarei essa trama de linhas da minha escrita? Quais ventos e palavras me puxarão ou soprarão de/para outros territórios? Quais me des-territorializarão? Neste começar, a sensação que eu tenho é de que nada se alinha. Talvez seja isso que Manoel de Barros chama de *descomeço* (BARROS, 2016, p. 17). É um desfazer de um pensamento que nos desalinha de tudo aquilo que nos possibilita experimentar outros modos de existir; da escuta sensível de outras vozes, especialmente da voz da poesia: “[...] *que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos*” (BARROS, 2016, p. 17).

Descomeços

Começar descomeçando, como sugere o poeta. Entre outras coisas, fazer ou refazer caminhos já percorridos. Avançar até o (os) começo (s), deixando que a poesia sobre a poeira da memória para poder contemplar, com outro olhar cenas e paisagens, pode ser mesmo um bom começo. É o que eu faço neste momento. Aceito a sugestão do poeta e, com a memória aerada, começo voltando a um lugar da minha infância – década de 1960 – ainda menina de quatro anos de idade, habitante do Sertão da Bahia. Um lugar onde os tons terrosos e crus de casas, de figurinos e de gente predominavam, combinando em perfeição com os tons pálidos da falta de quase tudo. Tons da neutralidade. Não tinha escola formal. Uma professora “leiga” dava aula em sua própria residência para todos que quisessem frequentar. Mesmo funcionando na precariedade, era um espaço onde habitavam movimentos de invenção e criação.

A professora era muito criativa. Na falta dos livros, ela contava histórias inventadas e reais, antigas e novas, cantava cantigas de roda, recitava poesias, fornecendo para aquelas crianças uma das poucas possibilidades de delicadeza e refinamento da sensibilidade e do olhar para outras cores, outros tons, outros modos de existir possíveis. Eu, criança brincante, solta na rua, como todas do lugar, atraída por aqueles ecos, decidi em um dia que me deu na telha (ou na pele) falar com a tal professora. Eu queria estar ali. Eu precisava estudar, foi exatamente o que eu lhe disse. Mas eu ainda era muito pequena para aquele contexto.

Antes disso, como comentei anteriormente, a poesia, de certa forma, já me fazia acreditar no impossível através das palavras e gestos da minha mãe. Sendo uma das

poucas pessoas da localidade que sabia ler e escrever, ela acabou se tornando, por empatia e por candura, uma ledora e escrevedora de cartas. A minha mãe era quem dava a forma e os tons às correspondências trocadas entre as pessoas que migravam para outras cidades distantes e, por diversas razões, raramente retornavam para visitar seus familiares. Penso que conforme se estreitava a teia de afetos ativos, a minha mãe dava o máximo de si para desregular o que a realidade impunha.

Uma realidade relacionada a movimentos desterritorializantes⁶ de pessoas, que em busca de dias melhores, de formação e oportunidades que pudessem oferecer outras cores e outros tons para si e para os seus, arrumavam as malas e partiam para outros territórios possíveis, deixando para trás, muitas vezes de forma definitiva, seus bens mais preciosos, seus encontros de carinho. Em territórios geográficos, como os constituídos nas relações e nos afetos, há sempre algo na dimensão do poético que, quando vivenciado em comum, no coengendramento de mundos, pode impulsionar outros modos de existir mais potentes, mais alegres. Acho que, de certa maneira, era o que a minha mãe intuía.

Nesse sentido, Manoel de Barros tem razão. A poesia faz nascimentos. A linguagem poética, desde sempre, apresenta-se como um espaço de (re) construção de novas roupagens para as palavras e suas significações. Busca justamente o oposto do lugar comum em que prevalecem modelos de vida dominantes, tomados como padrões. Esses, os padrões, afetam de forma negativa e, muitas vezes, até apagam outros modos de existência considerados “menores”, diferentes. Dessa maneira, a poesia é instauração de modos de ser, sendo o poeta o ser que se funda pela palavra e a poesia, o ato pelo qual “o homem se funda e se revela a si mesmo”, conforme revela o poeta e ensaísta Octávio Paz (2012, p. 42).

Sob esse aspecto, vale observar, por exemplo, a familiaridade que as crianças e as pessoas de pouca escolaridade têm com a linguagem poética, expressada através de alguns dos seus elementos como a musicalidade, a rima apresentadas nas canções folclóricas, religiosas, entre outros. Voltando a Octávio Paz (2012, p. 74-75), “a poesia é a forma

⁶ Territórios pressupõem desterritorialização/reterritorialização. “É necessário ver como cada um, em toda idade, nas menores coisas, como nas maiores provações, procura um território para si, suporta ou carrega desterritorializações e se reterritorializa quase sobre qualquer coisa, lembrança, fetiche ou sonho” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 89).

natural de expressão do ser humano. Não há povo sem poesia; é inconcebível a existência de uma sociedade sem canções, mitos ou outras expressões poéticas”.

Sem dúvida, a tessitura humana é feita de palavras, mas também de sonhos e *desejos*⁷. Toda e qualquer existência é rodeada por uma nuvem de virtuais, denominadas também de existências mínimas por David Lapoujade (2017). Essas virtualidades são como potencialidades que nos acompanham, sugestionam outros territórios e nos incitam à instauração de modos singulares de ser e de agir: o esboço de uma obra, de uma escrita, uma ideia, pensamentos, intuições, sensações, sentimentos diversos. Precisam, entretanto, “da nossa solicitude, cuidado e desejo para terem acesso à existência”, de acordo com Peter Pál Pelbart (2016, p. 396).

Como podemos perceber, os modos de existência são muitos: todos os que tivermos a potência de criar, de instaurar. Porém, dar existência a um modo de escrita, por exemplo, é expor o corpo a ventos e fazer isso, não é nada fácil. Mas, se permitirmos que virtualidades ganhem espaço de vida onde o corpo trace seu modo singular de existência, é possível, sim, que o nosso desejo receba ou deixe passar lufadas de ar de potências vibrantes e criativas, conforme pontua Deleuze (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 89):

A escritura não tem outro objetivo: o vento, mesmo quando nós não nos movemos [...], extrair na vida o que pode ser salvo, o que se salva sozinho de tanta potência e obstinação, extrair do acontecimento o que não se deixa esgotar pela efetuação, extrair no devir o que não se deixa fixar em um termo. [...] linhas de escritura são correias agitadas pelo vento.

Expor o corpo a ventos na sua densidade e fragilidade, reveladas a partir dos fluxos extensivos e intensivos, da sua capacidade de afetar e de ser afetado em contato/encontros com outros corpos. No caminho de Espinoza, Deleuze (2002, p. 132) diz: “O corpo não é definido por sua espécie ou gênero, mas por modo. Ou seja, pela composição de velocidades e lentidões no corpo e no pensamento; pela natureza e os limites do seu poder de ser afetado”.

⁷ Sentido de *desejo* iluminado por Deleuze (a partir de Nietzsche) –“Nietzsche o chamava Vontade de potência. Podemos chamá-lo de outro modo. Por exemplo, graça. Desejo não é de modo algum uma coisa fácil, mas justamente porque ele dá, em vez de faltar, ‘virtude que dá’ [...]” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 107).

Nesse sentido, Espinoza (2018, p. 139) destaca os três principais afetos, dos quais derivam os demais: a alegria, considerada pelo filósofo como um bom encontro, pois nos leva à expansão da nossa potência de existir e agir no mundo. A tristeza, ao contrário, faz retroceder ou estagnar a nossa potência de agir no mundo, portanto, um mau encontro. Já o desejo, por sua vez, é o que transborda em nós, é o que impulsiona e determina o nosso modo de agir e existir no mundo.

A vida, bem sabemos, é uma espécie de dança de encontros constantes e se nesse dançar os corpos se afinam, as forças e as potências se somam, gerando alegria que se traduz em modos potentes de existir. Contudo, não é raro dançarmos fora do compasso e agenciarmos encontros que minam qualquer possibilidade de sermos e exercitarmos o nosso potencial de ser e realizar no mundo. Encontros que nos trazem mais frustrações do que entusiasmo, que mais sugam do que nos alimentam de boa energia.

Segundo Espinoza (2018), a saída está na capacidade da mente de analisar seus afetos, ou seja, na lucidez com a qual escolhemos os nossos encontros, o que nos tornará ativos na geração de afetos. E ser ativo na geração de afetos é, sobretudo, escolhermos por nos unirmos com aqueles que poderão nos acompanhar em nossos caminhos, aumentando a nossa potência em ato para ser e agir. Pois, ainda de acordo com Espinoza (2018, p. 162): “um afeto não pode ser refreado nem anulado senão por um afeto contrário e mais forte do que o afeto a ser refreado”.

Nessa perspectiva, o mais conveniente é procurar uma boa companhia para criar um meio através do qual pensamento e desejo sejam articulados e se transformem em “composições de relações combináveis, agenciamentos, que aumentem a nossa potência” (DELEUZE 2002, p. 29), isto é, bons encontros que possibilitem a instauração de outras formas de vida. A poesia é naturalmente uma boa e potente companhia. É ela que nos permite “voar fora da asa” (BARROS, 2016, p. 19) de territórios previsíveis para outros territórios abertos a trocas e a experimentações e, no percurso, irmos eliminando as velhas cascas, as crostas de saberes sedimentados, que impedem que o nosso corpo/pensamento ganhe liberdade: “*Escrever e cheio de casca e de perola.*” (BARROS, 2010, p. 177).

Para Deleuze (1988-1999, p. 31-32), essa é a força da criação literária: “mostrar a vida. É testemunhar em favor da vida”. Para tanto, diz o filósofo, “o escritor deve levar toda linguagem até uma espécie de limite musical”. Ou seja, dar-lhe novas características

diferentes das padronizadas que atendem às forças hegemônicas. Incitar, desse modo, o devir de uma língua menor no interior da própria língua: uma linguagem minoritária, ao mesmo tempo em que compõe uma imensa potência, tornando ela mesma criadora de acontecimentos e de novos territórios.

Cabe aqui um alinhavar, levando em conta as considerações de Deleuze e Guattari (2003) sobre a noção de literatura menor. Para os filósofos, menor não diz respeito à qualidade, mas às condições revolucionárias dessa literatura perante aquela tida como maior. Numa literatura menor, ocorre a desterritorialização da língua maior, que é o que possibilita “gaguejar, balbuciar”⁸ – subverter a língua. É o que viabiliza sonhos, criações e invenções.

Manoel de Barros cria e inventa sua poesia de tal modo que o seu estilo de ser criativo faz nascer também uma língua menor dentro da sua língua. Ele faz a linguagem gaguejar em palavras, imagens, sons e cores. Um gaguejar que em sua poesia é um dizer fragmentado, por vezes, repetitivo. Um artifício que o poeta usa para lançar dúvida sobre o ideal de completude, de linearidade, da noção de absoluto, de cheio, de acabado e das certezas do senso comum. Sendo um estiloso descascador e cavucador de palavras, como se autodefine.

Referências

- BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- BARROS, Manoel de. **O livro das Ignorças**. Rio de Janeiro: Editora: Alfaguara, 2016.
- BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- CENTRAL do Brasil. Direção: Walter Salles Júnior. Roteiro: Marcos Bernstein, João Emanuel Carneiro e Walter Salles Júnior. [S. l.]: Le Studio Canal; Riofilme; MACT Productions, 1998. 5 rolos de filme (106 min), son., color., 35 mm.
- DELEUZE, G. **O abecedário de Gilles Deleuze**: uma realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnesse, Paris. 1988-1989. Disponível em: www.ufrgs.br/corpoarteclinica/obra/abc.prn.pdf. Acesso em: 29 nov. 2019.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa Filosofia Prática**. São Paulo: Ed. Escuta Ltda, 2002.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **Kafka**: para uma literatura menor. Tradução de Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.
- DELEUZE, Gilles. PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

⁸ Diz Deleuze (1988-1989, p. 71), “fazer a língua gaguejar, balbuciar é uma questão de estilo de um autor de uma escrita (...). Não estou falando de você mesmo gaguejar (...), mas de fazer a língua gaguejar. Ou fazer a língua balbuciar, o que não é a mesma coisa.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia.** Tradução de Ana Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. v. 4

ESPINOZA, Benedictus de. **Ética.** Tradução de Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

KLINGER, Diana. **Literatura e ética: da forma para a força.** Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

LAPOUJADE, David. **As Existências Mínimas.** Tradução de Hortência Santos Lencastre. São Paulo: Ed. N-1 edições, 2017.

PAZ, Otávio. **O Arco e a Lira.** Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PELBART, Peter Pál. **O Averso do Niilismo: Cartografias do Esgotamento.** 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2016.